

INTERVENÇÃO FASHION EM COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PIRIPIRI-PI

Fashion Intervention in quilombola community of Piripiri-PI

Lima Bezerra, Alessandra Stefany; Graduanda; Instituto Federal do Piauí, capir.2019118240015@aluno.ifpi.edu.br¹

Araújo Santiago, Élide Belquice de; Mestre; Instituto Federal do Piauí, elida.belquice@ifpi.edu.br²

Da Silva Araújo, Morgana Maria; graduanda; Instituto Federal do Piauí, capir.2020116tdsm0145@aluno.ifpi.edu.br³

Gomes Mendes, Ana Jaciele; graduanda; Instituto Federal do Piauí, capir.2020116tdsm0099@aluno.ifpi.edu.br⁴

Resumo: O artigo trata-se de uma experiência vivenciada através de uma intervenção em comunidade quilombola de Piripiri-PI, onde por meio de entrevistas com moradores, notou-se que saberes da cultura ancestral africana foram perdidos ao longo dos anos. Trata-se de uma pesquisa-ação, com pesquisa bibliográfica, seguida da execução de uma oficina de turbantes, onde percebeu-se uma vontade por parte das moradoras de retomar a conexão com a cultura e religião.

Palavras chave: Intervenção; quilombola; turbante.

Abstract: *The article is about an experience lived through an intervention in the quilombola community of Piripiri-PI, where through interviews with residents, it was noticed that knowledge of African ancestral culture was lost over the years. It is an action research, with bibliographic research, followed by the execution of a turban workshop, where it was noticed a desire on the part of the residents to resume the connection with culture and religion.*

Keywords: *Intervention; quilombola; turban.*

¹ Graduanda no curso Tecnólogo em Design de Moda no Instituto Federal do Piauí. Possui experiência na indústria do vestuário.

² Mestra em Design pela Universidade Federal do Maranhão, especialista em Docência da Educação Profissional pelo Instituto Federal do Piauí. Graduada em Design de Moda pela Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí. Experiência em Educação Profissional e Ensino Superior. Professora efetiva do IFPI, campus Piripiri- 40h DE.

³ Técnica em vestuário pelo Instituto Federal do Piauí (2019). Atualmente é Graduanda em Design de Moda pelo Instituto Federal do Piauí.

⁴ Graduanda de Tecnologia em Design de Moda pelo Instituto Federal do Piauí - Campus Piripiri. Possui ênfase nas áreas de comunicação, marketing para negócios de moda, história, cultura e consumo.

O artigo descreve uma experiência vivenciada a partir da proposta de elaboração de um projeto interdisciplinar do curso de design de moda do Instituto Federal do Piauí, com a temática “Moda, intervenção, criatividade e a inovação aplicada na comunidade de Piriipiri”. O Projeto Integrador promove a interação entre ensino, pesquisa e extensão, permitindo o desenvolvimento de uma pesquisa científica e um projeto de extensão para a comunidade, tendo relação a uma disciplina tema sorteada. A disciplina tema sorteada foi Projeto de Coleção de Moda.

Seguindo o tema do projeto e a disciplina tema, o grupo de alunas da autoria deste artigo realizou uma intervenção em uma comunidade quilombola de Piriipiri, oferecendo uma oficina para construir elementos de moda e criar peças de vestuário e acessórios para os integrantes voluntários da comunidade. A fim de, a partir da formação do aluno de moda, explorar possibilidades de intervenção em uma comunidade quilombola. O grupo foi a campo, conheceu os elementos de moda presentes na vivência da comunidade e contribuiu com a expressão cultural da mesma por meio de referências e metodologias de moda.

Para criar o conceito da ação, foi preciso buscar pesquisas que fundamentassem aspectos da formação da moda, e que contribuam com intervenções sociais, culturais e religiosas. Com isso, foi pensada a ideia de uma “Intervenção *Fashion*”, que consiste em estudar o sujeito de estudo e elaborar uma ação voltada a desenvolver elementos e aspectos de moda ou contribuir na expressão cultural utilizando metodologias da área em questão.

A comunidade quilombola escolhida para a realização da Intervenção *Fashion* foi a comunidade Marinheiro, localizada a 36km do perímetro urbano de Piriipiri. A comunidade é formada por cerca de 83 famílias e 420 habitantes. Após visitar e entrevistar algumas moradoras, foi elaborada uma oficina de turbantes para propor soluções culturais para a comunidade.

A relevância deste projeto se justifica através do viés acadêmico/social que buscou estudar a comunidade selecionada, unindo questões que comportam a vivência deste povo através das óticas: culturais, sociais e religiosas. A investigação utilizou o conhecimento da disciplina de Projeto de Coleção de Moda, que trata do desenvolvimento das pesquisas

moda. Partindo dessas questões, a pesquisa pretendeu investigar como os conhecimentos de moda podem contribuir no processo de intervenção em comunidades quilombolas.

Referencial Teórico

Em 2022, pela primeira vez, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizou um levantamento do grupo étnico populacional, protagonizando as comunidades quilombolas no país, e, através do Censo, recenseou 386.750 pessoas que se autodeclararam quilombolas. Por meio dos resultados deste levantamento foi possível visualizar que a maior quantidade de pessoas autodeclaradas quilombolas está na região nordeste, com cerca de 60% da quantidade total de comunidades quilombolas no Brasil, segundo dados da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ).

O termo “quilombo” tem novas significações e denominações mais profundas na contemporaneidade, diferente do conceito atribuído no período colonial. Segundo Almeida (2002), a constituição do termo quilombo está diretamente ligada ao processo de formação do país. Leite (2008) aponta que o termo “quilombo” significa “acampamento guerreiro na floresta” de acordo com as origens da etimologia do povo bantu⁵. O autor ainda cita que, durante o período colonial, a Legislação Ultramarina denominava “quilombo” como grupo de 5 (cinco) negros escravizados que fugissem, como sinônimo de rebeldia e resistência ao trabalho escravo. Essa era uma denominação escravocrata que refletia a ótica dos colonizadores.

Dentro das manifestações afro-brasileiras estão o candomblé e a umbanda, que sobrevivem à contemporaneidade, tais intolerâncias religiosas acarretam forte estigmatização dos praticantes de cultos afro-brasileiros, influenciando na sua autoestima, na assunção da identidade étnica e do seu pertencimento religioso.

Segundo Mattos (2007), o Candomblé originou-se na Bahia no século XIX, quando houve uma grande chegada de tradições africanas ocidentais, em especial, “a jeje ou daomeana, dos cultos voduns, e a ioruba ou nagô, dos cultos dos orixás” (MATTOS, 2007, p. 161). Os cultos se baseiam na “prática de oferendas aos ancestrais e no processo de iniciação

⁵ Conjunto de povos que habitavam a África Central nas regiões que hoje compreendem Angola, Congo, Gabão e Cabinda.

transplantação do antigo candomblé da Bahia, aglutinando-o com “o espiritismo kardecista, chegado da França no final do século XIX” (PRANDI, 2003, p.17). Enquanto que o Candomblé, nesse período, tinha se circunscrito a áreas urbanas do Nordeste, “em razão da concentração de populações negras”, a Umbanda “já nasceu num processo de branqueamento e ruptura com símbolos e características africanas, propondo-se como uma religião para todos” (PRANDI, 2003, p.19-20).

Os autores Prandi (2004) e Castro (2021) discorrem que, ao longo do tempo, o culto aos orixás no Brasil misturou-se ao culto dos santos católicos, criando o sincretismo, depois, a umbanda apagou elementos negros para se inserir na sociedade geral. Finalmente, o candomblé retomou origens negras para ser uma religião para todos, iniciando um processo de africanização e dessincronização para alcançar autonomia em relação ao catolicismo.

As religiões afro-brasileiras estão mudando para competir com outras religiões e se expandir. A maioria dos seguidores nasceu católica e adotou a religião na idade adulta. Observando esse movimento histórico e conhecendo as vertentes religiosas Candomblé e Umbanda, iremos entender como o uso dos turbantes é uma ferramenta social e cultural de auto afirmação desse povo.

O turbante trata-se de uma herança cultural, a qual conecta e transmite: identidade, autoestima, ancestralidade, história e cultura. É um conjunto de simbologias superiores a um simples tecido de gramatura leve. Carrega consigo a força e resistência de um povo, cujo, luta pelo rompimento de um sistema, regido pela eurocentrização.

De acordo com Silva (2018), a origem do turbante é desconhecida, mas entende-se que os primeiros registros surgiram no antigo Egito. No entanto, o uso é pertinente do Oriente Médio, por conta do clima local e pela religião, as mulheres e homens usavam para adornar a cabeça e camuflar a cabeça raspada, referente ao cunho religioso. As diferentes formas de amarrações, designam o status social e até mesmo o gênero do Orixá - Hierarquia no terreiro.

No Brasil através de colonizadores e mulheres escravizadas, consolidou-se a chegada do turbante. Com isso, a função dessa indumentária, perpassava a simbologia cultural servia

também como funcionalidade nas tarefas cotidianas - protegendo as cabeças dos cestos pesados, como afirma Pereira (2021):

O adorno envolvia a cabeça das mulheres negras para cobrir os cabelos, para proteção de suas cabeças para carregarem os cestos pesados sobre elas, para carregarem seus filhos, para esconder as suas cabeças raspadas, devido a sua fé como proteção, entre outros. {...} A simbologia do turbante no Brasil, para os afrodescendentes está ligada a resistência de seus ancestrais que foram trazidos de África através do tráfico de pessoas para a escravizar dos mesmos {...} (PEREIRA, 2021, p. 2).

Por ser considerado uma indumentária e instrumento transgressor, o turbante conta toda uma história, de lutas e resistência, explorado a força identidade negra como apresentado na Imagem 1. Dandara de Palmares, esposa de Zumbi dos Palmares, foi uma das grandes personalidades usuárias do turbante, em todos os símbolos: pertencimento, luta e identidade.

Imagem 1: Negra com turbante.



Fonte: fotógrafo Alberto Henschel

Metodologia

A pesquisa se desenvolveu como uma pesquisa-ação, que é uma pesquisa “de caráter exploratório, no qual o pesquisador tem envolvimento direto com o objeto de pesquisa, assumindo, de forma concomitante, o papel de observador e de observado” (SANTOS, 2018, p. 58). A princípio, ocorreu uma pesquisa bibliográfica em livros e publicações sobre os conceitos de comunidade quilombola, festividades da comunidade e eventos sociais realizados e também, especificamente, sobre a comunidade quilombola Marinheiro de Piripiri, onde fica sua localização e sobre quem faz parte da organização da comunidade.

ola@grandesite.com.br

O autor Santos (2018) relata que a pesquisa-ação envolve a comparação entre os princípios da literatura, as considerações do pesquisador e a reflexão coletiva sobre si mesmo, dessa forma, foi preciso criar um diálogo empático entre as alunas do grupo e os indivíduos de Marinheiro. Na primeira visita, foi buscado averiguar e compreender os costumes acerca da comunidade, e quais peças de vestuário e acessórios eles utilizam para participar dos eventos culturais realizados anualmente, coletando os dados por meio de entrevista semiestruturada e aberta aplicada individualmente, (Gil, 2017) a duas integrantes da comunidade. Nessa fase exploratória também foi abordado quem estaria interessado em participar da ação que seria realizada e quais as necessidades e expectativas deles acerca da ação, registro da imagem 2.

Imagem 2: Registros com moradoras de Marinheiro entrevistada, 2023.



Fonte: acervo pessoal, 2023

Com os dados observados, seguindo uma abordagem voltada ao raciocínio indutivo (Santos, 2018), a ação foi elaborada em forma de oficina, sendo intitulada de Intervenção *Fashion*, em que as alunas se reuniram com algumas mulheres de Marinheiro para instruir como fazer 3 (três) tipos de turbantes, imagem 3. Para tal intervenção, foi preciso realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o surgimento do turbante no Brasil e qual seu significado cultural dentro da cultura afro-brasileira. Dentro dos conteúdos da oficina, também foi elaborado um manual com o passo a passo para a confecção dos modelos de turbante apresentados que foram posteriormente enviados para as participantes em formato digital.

O autor Santos (2018) diz que a validade das lições obtidas ao longo da ação, sejam elas positivas ou negativas, é que determinam a qualidade da contribuição. Desse modo, os resultados do projeto se validam na avaliação das alunas pesquisadoras em como os conhecimentos de moda podem contribuir no processo de intervenção em comunidades quilombolas, no feedback das participantes e nas fotografias geradas no dia da realização da oficina. Isso também se trata de uma estratégia de aferição da validade externa das conclusões do trabalho (SANTOS, 2018, p. 64).

Imagem 3: Registro dos modelos de turbantes da oficina na comunidade Marinheiro, 2023.



Fonte: acervo pessoal, 2023

Considerações Finais

Durante a primeira visita à Marinheiro, quando foram realizadas as entrevistas, foi perceptível a forte ligação da comunidade com a religião. Nesse caso, há uma mistura entre as religiões católica e umbanda, onde predomina a religião católica, sendo a religião umbanda muito influenciada pela católica uma vez que essa nasce em um processo de branqueamento e ruptura com os significados de suas raízes africanas para que seja melhor aceita.

Porém, conforme relatado pelas participantes da entrevista, em um momento no passado houve um período de repressão e forte preconceito dentro da comunidade, em que os moradores sofreram violência por parte das autoridades e foram impedidas de realizar cultos e exercer sua fé nas religiões de matrizes africanas. Muito tempo depois, que se iniciou o resgate dessas religiões e dos costumes acerca dela e, atualmente, a comunidade ainda está

passando pelo processo de propagação das raízes afrodescendentes, tanto na geração passada quanto na geração atual das famílias.

Com os relatos, foi possível perceber que conhecimentos da cultura ancestral africana foram perdidos durante o passar dos anos e pelo processo violento de colonização. Porém, durante a intervenção, foi percebida uma vontade por parte das moradoras de retomar a conexão com a cultura e religião afrodescendentes e ter contato com elementos onde elas possam reestabelecer esses laços com sua cultura ancestral, para então conseguir representar seus costumes de maneira mais expressa.

A oficina foi elaborada por essa vontade de revisitar as próprias raízes das entrevistadas e após o acontecimento da intervenção e do formulário enviado às participantes, foi possível notar alguns aspectos. Durante o momento da oficina foi observado que enquanto existiam participantes que demonstraram satisfação e agilidade em montar seu próprio turbante, existiam também participantes que apresentaram recusa e comportamento receoso em relação a intervenção proposta. Da mesma maneira, foi possível visualizar aos poucos as participantes que apresentaram comportamento receoso, se unirem às demais para entender as formas de amarração do acessório escolhido, imagem 4.

Por fim, com as respostas que foram coletadas através do questionário, entende-se que a oficina foi de fato uma contribuição assertiva e positiva para as participantes, de modo que as mesmas sinalizaram resultados positivos à intervenção que foi ministrada.

Imagem 4: Registro com a orientadora da pesquisa e as participantes da oficina, 2023.



Fonte: acervo pessoal, 2023

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os Quilombos e as Novas Etnias**. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CASTRO, Jaslane Maria. Liberdade religiosa: valorizando as religiões de matrizes africanas. Goiás: **Anais dos Simpósios da ABHR**, 2021.

CONAQ.2022. Disponível em: <
<https://conaq.org.br/noticias/censo-2022-ibge-ja-recenseou-386-750-quilombolas/>>.
Acesso em: 22 de maio de 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2017.

LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 965-977, 2008. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000300015>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

MATTOS, Regiane Augusto. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas**, Porto Alegre, v.3, n.1, jun. 2003.

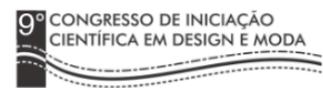
PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, p. 223-238, 2004. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/ea/a/tFh5DWhR8wWVWNsXL4Z9yxv/?lang=pt>>

PEREIRA, Gabriele Costa. **TURBANTES: uma ferramenta de educação antirracista**. V **Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) da Região Sul**. Santa Catarina, 2021.

SANTOS, Aguinaldo dos. **Seleção do método de pesquisa: guia para pós-graduando em design e áreas afins**. Curitiba: Insight, 2018.

SILVA, Rosane. Iqhiya: Um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de Turbantes por mulheres negras. **Abpn.v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência**, janeiro de 2018, p. 124-148. Disponível em <
<http://celacc.eca.usp.br/pt-br/celacc-tcc/973/detalhe>>.





ola@grandesite.com.br

XAVIER FILHO, J. L. Quilombo, narrativas e identidade: o olhar da memória. **Revista Galo**, n. 2, p. 25–40, 25 out. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.53919/g212>>. Acesso em: 23 maio de 2023.